

Taioba e jiló trazem agrônoma brasileira para os EUA

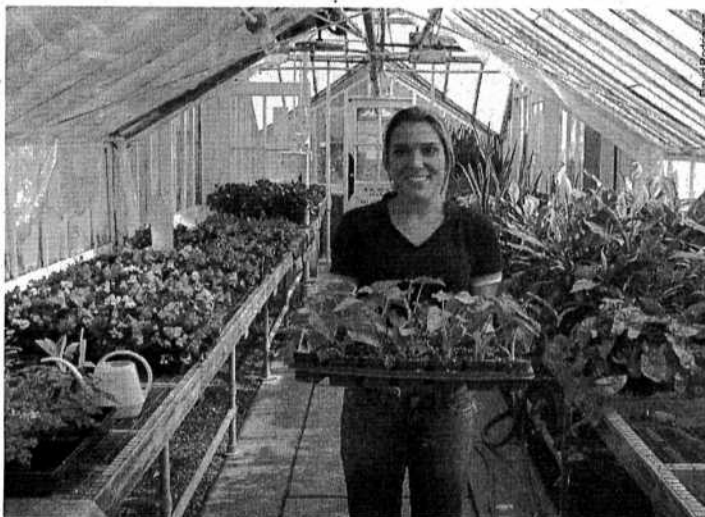
Raquel Uchoa de Mendonça é a nova integrante do projeto 'Cultivos Brasileiros' da UMASS

Márcia Rodrigues
Agência Metropolitana (AM)
marcia@parkear.com

A brasileira Raquel Uchoa de Mendonça, de 22 anos, chegou nos Estados Unidos há menos de um mês para participar de um projeto de pesquisa da Universidade de Massachusetts, em Amherst, que deve durar dez meses. recém-formada em Agronomia pela Universidade Federal do Ceará, ela foi bolsista da Fazenda Experimental da instituição por dois anos e estagiária da Embrapa Agroindústria Tropical.

Em dezembro do ano passado, a agrônoma brasileira foi convidada pelo professor dr. Frank Mangun, pesquisador do Departamento de Plantas e Ciências do Solo da UMASS, a participar do projeto de cultivos brasileiros nos EUA.

O professor Frank já desenvolve pesquisas sobre culturas étnicas, em especial a brasileira, há três anos. O projeto pioneiro visa produzir e comercializar produtos que são cultivados no Brasil, mas que ainda não fazem parte das prateleiras dos supermercados e restaurantes de Massachusetts. "Já temos a produção de alguns desses cultivos aqui no Estado. Isso faz com que nosso povo mantenha sua cultura, o sabor



A engenheira agrônoma Raquel Uchoa de Mendonça, participa de um projeto de pesquisa da Universidade de Massachusetts para o desenvolvimento de plantas no Brasil

dos pratos típicos e que acabem consumindo produtos frescos como no Brasil. Podemos encontrar facilmente o quiabo (okra) congelado, por exemplo", diz Raquel.

O professor esclarece que o objetivo do projeto é testar a capacidade de produção desses vegetais para que os agricultores da região possam cultivar e então chegar na mesa do brasileiro. De junho a setembro de 2003, o professor testou uma variedade de jiló que foi facilmente adaptada ao clima de Massachusetts. "Muitos

mineiros tiveram a oportunidade de saborear jiló fresco encontrados em diversos mercados locais".

Para a agrônoma brasileira recém-contratada, outra parte importante do projeto são as pesquisas de marketing que avaliam a aceitação dos consumidores, a intenção de compra e a rentabilidade desse mercado junto aos produtores rurais.

Valter Vitorino, dono do Café Brasil em Allston, confirma o sucesso do projeto. "Graças ao trabalho do professor Frank

Mangun e sua equipe podemos dar mais sabor aos nossos pratos com hortaliças do Brasil, como o jiló, por exemplo. Além de resgatar nossa cultura, temos a oportunidade de ter vegetais frescos à disposição nos mercados locais e usá-los no meu restaurante", afirma.

Segundo Raquel, o cultivo de uma erva muito popular entre os mineiros, a taioba, já está em testes. Os brasileiros entrevistados pela equipe do projeto são unânimes em dizer que "não existe nada melhor do que taioba cortadinha na manteiga". Os depoimentos provam o envolvimento da comunidade brasileira no projeto da UMASS. "Quando questionamos sobre a taioba, colhemos um sorriso estampado no rosto do nosso povo. Essa é a nossa motivação, ver a comunidade brasileira satisfeita não apenas com uma melhor oportunidade de trabalho aqui, mas também por poder dispor de hortaliças brasileiras neste país", opina. Outros cultivos populares como maxixe, quiabo, abóbora, moranga (jerimum), abobrinha, batata doce, rúcula, almeirão, entre outros, também já estão em fase experimental na Unidade de Pesquisa da UMASS, em South Deerfield.

A agrônoma explica que o projeto também abrange pesquisas de alguns produtos

que não podem ser produzidos em Massachusetts e que são produzidos no Brasil. "De acordo com o interesse dos consumidores brasileiros iremos importar alguns cultivos do Brasil, como a mandioca, mandioquinha-salsa (batata baroa), milho-verde ou mesmo uma variedade de abacaxi, ainda não encontrada por aqui".

O dia de trabalho de Raquel é dividido entre as visitas a fazendas, supermercados e a Estação Experimental da UMASS. Ela aceitou participar do projeto porque de certa forma estaria ajudando os agricultores americanos a servir o seu país. "Eles cultivam nossas hortaliças para oferecer aos brasileiros. Esse é o nosso povo, a nossa cultura, isso é o Brasil em Massachusetts", garante.

O projeto começou no ano 2000, quando o professor Frank conseguiu semente da TopSpeed, companhia brasileira situada em Petrópolis. Hoje, a equipe conta com mais três funcionários que desenvolvem pesquisas no laboratório experimental da UMASS de S. Deerfield. A agrônoma explica que depois de produzirem hortaliças na estação experimental da universidade, os pesquisadores levam os cultivos aos mercados brasileiros para testar a aceitação do produto.

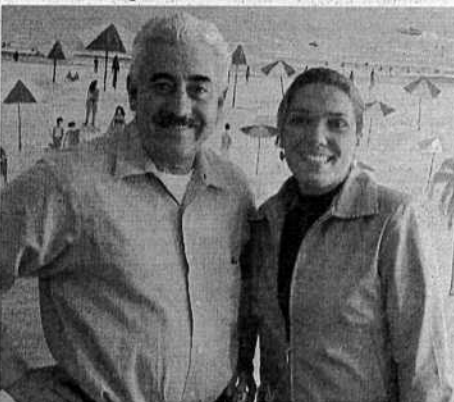
"Nós queremos saber quantos brasileiros comprariam essas hortaliças. Com essa informação, os agricultores vão saber quantos hectares semear em 2006", conclui Raquel.

Cultivos estrangeiros no Brasil:

A soja, que hoje responde a uma receita direta para o Brasil de mais de US\$ 7 bilhões anuais, é um exemplo de um tipo de cultivo estrangeiro que chegou ao Brasil em 1882, originária dos EUA. Nessa época, a soja era estudada mais como cultura forrageira do que como planta produtora de grãos para a indústria de farelos e óleos vegetais. Entre os anos de 1900 e 1901, o Instituto Agronômico de Campinas (SP), promoveu a primeira distribuição de sementes de soja para produtores paulistas. Então, foram feitos os primeiros registros da plantação de soja no Rio Grande do Sul, onde a cultura encontrou boas condições para se desenvolver, pela região apresentar semelhanças climáticas com o sul dos Estados Unidos.

Os primeiros americanos que emigraram para o Brasil, há cerca de 135 anos, levaram consigo sementes de diversas plantas típicas daqui. Entre os exemplos citados, estão as melancias da Geórgia e a noz pecã, que até hoje é cultivada no sul do Brasil. Para saber mais detalhes, visite o site www.comciencia.br.

Interessados em saber mais sobre o projeto ou mesmo colaborar com as pesquisas, podem entrar em contato com Raquel através do telefone (413) 658-8207 ou através do website www.umass.edu.



Valter Vitorino, dono do Café Brasil em Allston, confirma o sucesso do projeto